

12210

Colóquio

REVISTA DE ARTES E LETRAS

N.º 12 / FEVEREIRO DE 1961

Shi

Colóquio

REVISTA DE ARTES E LETRAS

DIRECÇÃO | *Artística*: REYNALDO DOS SANTOS
| *Literária*: HERNÂNI CIDADE
| *Gráfica*: BERNARDO MARQUES

EDITOR: LEONARDO MATHIAS

N.º 12 — FEVEREIRO 1961

OS FRESCOS RESTAURADOS DE TREZENTOS E QUATROCENTOS NO CAMPO SANTO MONUMENTAL DE PISA <i>por FERNANDO PAMPLONA</i>	1
A EXPOSIÇÃO DE VELASQUEZ EM MADRID <i>por REYNALDO DOS SANTOS</i>	7
COLECÇÕES, COLECCIONADORES E ANTIGUIDADES <i>por MATOS SEQUEIRA</i>	16
JORGE BARRADAS <i>por ARTUR MACIEL</i>	20
UMA VILA MORTA À ESPERA QUE LHE ACOMODEM E RESPEITEM OS RESTOS <i>por FRANCISCO KEIL AMARAL</i>	26
A PRESENÇA E ACTUALIDADE DE VIEIRA DA SILVA <i>por JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA</i>	30
EXPOSIÇÕES <i>por ARTUR MACIEL</i>	34
PÁGINAS DAS MINHAS MEMÓRIAS — TRÊS MULHERES CÉLEBRES <i>por JÚLIO DANTAS</i>	37
LETTRE D'ALLEMAGNE <i>par EDOUARD RODITI</i>	41
CARTA DE NOVA IORQUE <i>por AMÉRICO DA COSTA RAMALHO</i>	43
TRÊS ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA ACTIVIDADE MUSICAL DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN <i>por JOÃO DE FREITAS-BRANCÓ</i>	45
ERNANI ROSAS E SÁ-CARNEIRO <i>por CLEONICE BERARDINELLI</i>	47
O TEATRO DE SÁ DE MIRANDA <i>por ANDRÉE CRABBÉ ROCHA</i>	50
BREVES EXPLICAÇÕES SOBRE AS MINHAS PRIMEIRAS TESES CAMONIANAS <i>por ANTÓNIO SARAIVA</i>	53
«MISSA SECA» CHEZ GIL VICENTE <i>por ROBERT RICARD</i>	55
«IN MEMORIAN» DE ARTHUR SCHOPENHAUER <i>por GEORG RUDOLF LIND</i>	57
BIBLIOGRAFIA <i>por HERNÂNI CIDADE, REYNALDO DOS SANTOS, ÓSCAR LOPES e JOSÉ DE MELO</i>	58

Fotos de: Dominguez-Garcia, Mário Novais, Janine Pradeau, Luc Joubert e Rooi-André.

Composição, gravura e impressão: Neogravura. Lda.

Capa e extra-texto a cores: Gráfica de São Gonçalo, Lda.

Capa: CERÂMICA, de Jorge Barradas (Foto Mário Novais).

EDIÇÃO E PROPRIEDADE:

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Avenida de Berne / Parque de Palhavã / Lisboa

ESC. 25\$00

Shi

EXPOSIÇÕES



HANSI STÄEL / Litografia



BARTOLOMEU CID / Cidade Submersa



MANUEL BATISTA / Pintura

MILY POSSOZ — *Galeria «Diário de Notícias»* — Nada nos trouxe de novo esta exposição a não ser a renovação do encanto que desde há muito produz uma pintura, invariavelmente pessoal, caracterizada pela frescura da sua espontaneidade e pela graça da sua leveza. Deliciosamente feminina, todo o traço e toda a cor da arte de Mily Possoz servem uma fantasia subtil e uma emotividade poética, onde o drama nunca surge e o lirismo é sempre suave e delicado. Parece não viver a realidade, mas sonhá-la, e com este poder de imaginação criou um mundo à parte, o mundo da sua pintura, que, pelo sortilégio da beleza que o anima, não precisou de conhecer escolas, nem de render-se a estéticas, atravessando, independente e incólume, uma época de intensas insatisfações e de incessantes procuras. Dir-se-á que aos símbolos e alegorias, assim como às paisagens e figuras que a atraem, imprime ela um pronunciado sentido decorativo, mais de ilustração que de pintura. Mesmo quando admitindo-o, com prejuízo ou sem desfavor, o certo é que Mily Possoz alcançou um estilo, e este, por inconfundível e constante, deu à sua arte, entre todos os modernismos, uma modernidade que se reconhece e perdura. Não residirá nisto a autenticidade do seu triunfo? É de apontar ainda, por excepcional e surpreendente, o facto de ter sido esta, após meio século que leva a pintar, com permanente participação nas nossas mais significativas exposições colectivas e em muitas realizadas no estrangeiro, com destacados prémios e inúmeros quadros a representá-la em Museus nossos e lá de fora, a primeira exposição individual que Mily Possoz efectuou!

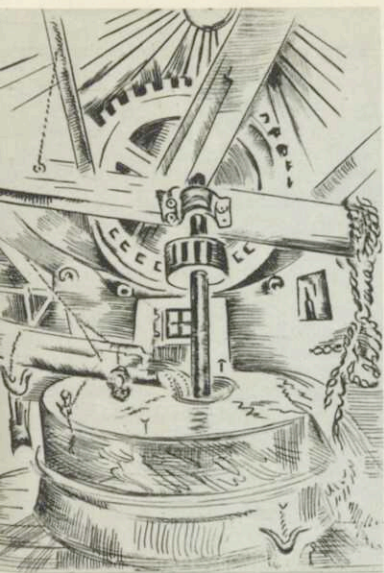
HANSI STÄEL — *Palácio Foz* — Foi por fins de 1946 que Hansi Stäel von Holstein surgiu em Portugal com uma pintura ao nível europeu, depois das lições que colheira em Viena e de ter andado pela Alemanha e vivido em Estocolmo. Os primeiros cursos que tirou, tendo sido de artes gráficas, cerâmicas e esmaltes, deram-lhe lugar especial na decoração, pois que chegou a executar cenários e figurinos que satisfizeram as exigências reformadoras de Max Reinhart e trazia experiência da ilustração e até do desenho de tecidos. Uma vez entre nós, dedicou-se à arte do vidro, alcançando o vitral, e a cerâmica, e é bem conhecida a influência modernizadora que exerceu no campo da faiança. O que não a fez abandonar a pintura de cavelete e lhe permitiu ainda praticar a mural e a gravura. A sua origem húngara e esse ar da Europa, que lhe fora modelando a sensibilidade, afeiçoou-os Hansi Stäel ao nosso clima, em luz e calor, pelo que todas as suas manifestações artísticas, na evolução que acusam do figurativo para o abstracto, se revelam a possibilidade de adaptação a circunstâncias de natureza e a tendências estéticas e plásticas mais ou menos de ocasião, tão-pouco desmentem uma psicologia própria e bastante forte para que não firam a sua obra soluções de continuidade. Essa obra não esteve, contudo, perfeitamente presente nesta exposição, determinada por simpáticos sen-

timentos de fraternidade artística e organizada, rapidamente e como foi viável, pelo melhor e mais louvável espírito de camaradagem.

ADOLFO LIZÓN — *Sala da Embaixada de Espanha* — Um amador como ele próprio se inculca, ao considerar-se fundamentalmente jornalista e professor? Talvez. Sabê-mo-lo ainda poeta e novelista, e Lizón pensa que todo o literato leva em si um pintor frustrado. Mas este literato tem olhos mediterrânicos e até a sua pena, ao escrever, traça uma caligrafia que já por si mesma é desenho instintivo, fácil, curioso. Com os pincéis, está mais naturalmente à vontade na aguarela do que no óleo. Os seus motivos, de alicantino que é, são marítimos, e, radicado em Lisboa como se acha, a sedução pictórica fá-lo captar águas do Tejo, velas ao vento na Ribeira, ondas da Caparica, mastros em Cascais. E caravelas, imaginadas caravelas, obsessão de caravelas... Tem uma estilística ingénuo, simples, e, por isso mesmo, agradável. Será um *naif*, sem escola, mas com sensibilidade e cunho suficientes para que seja de falar-se do que pinta e o não faz esquecer como pintor.

BARTOLOMEU CID — *Galeria «Diário de Notícias»* — De cada vez que expõe mais se confirmam as suas qualidades de gravador e estas, pelo que têm sido afirmadas nestas páginas, não requerem que insistamos em apreciá-las. Não deixaremos, no entanto, de notar efeitos que patenteou, em litografias a três e duas tintas, perfeitos de fluidez e sugestão, bem como a segurança com que fixa a essência das formas, dentro do abstraccionismo que entrou a preferir. Isto equivale a dizer que a sua raiz figurativa permanece tão evidente como comunicativa. As pedras gravadas, género em que já se mostrara, apareceram agora com maior domínio do processo, conjugando a incisão com a corrosão, e aplicadas utilitariamente, de modo a surpreender pela novidade decorativa que constituem e pela extensão prática que podem atingir. É o caso do belo armário em nogueira, ornamentado com seis pedras gravadas, que a exposição incluiu, como exemplo elucidativo e convincente.

GRUPO K W Y — *Sociedade Nacional de Belas-Artes* — Embora tenhamos razões para crer que um julgamento desta exposição, dentro das colunas de «Colóquio», não interessa grandemente aos expositores, registá-la-emos. Formam o Grupo K W Y os artistas Lurdes de Castro, Christo, Costa Pínhneo, José Escada, René Bertholo, Jan Voss, João Vieira e Gonçalo Duarte. São todos bolseiros da Fundação Gulbenkian, à excepção dos dois estrangeiros e de Lurdes de Castro, que já o foi. A anterior obra dos portugueses nossa conhecida permitiu-nos apreciar os progressos que, sob vários aspectos, alcançaram, e isto, garantindo os méritos que possuem, dirá também da vantagem dos contactos que a Fundação Gulbenkian lhes assegurou. Mas uma coisa não ficará sem crítica: o catálogo. Pela compli-



MILY POSSOZ / Moinho



ARTUR BUAL / Encontro



JORGE CASTILLO / Desenho

cação do seu ordenamento, pela dificuldade de manuseá-lo, pela inglória confusão de tudo quanto nele aparece escrito e não sem certa dose de inconsciência petulante, toda a sua pretensa riqueza gráfica se perdeu. Será assim de propor-lhes, pelo menos, que não troquem os pincéis pela pena...

MANUEL BAPTISTA — *Galeria «Diário de Notícias»* — Voluptuoso da matéria, este pintor, que anda ainda pelos vinte e cinco anos e não desdenha da conclusão do Curso Especial de Pintura, deu um grande passo em frente. Carlos Arcán vai até julgá-lo como «a mais importante figura com que conta a vanguarda pictórica portuguesa no momento actual». Quando não seja de ser-se assim categórico, por nós ficaremos próximo. Parece que os espanhóis Vela e Suarez o tiraram da abstracção geométrica, e viamo-lo então já fundamentalmente preocupado com a densidade da substância. Mas o seu caminho foi o de encontrar-se, fora de influências, a sós, consigo mesmo, e conseguiu-o. Hoje as suas formas não oscilam entre o que se chama de abstraccionismo contido e o que se diz de informal flutuante, porque adquiriram um equilíbrio intermédio, que é a sua conquista pessoal. Num cromatismo surdo, apenas neutro pela aparência, a movimentação é múltipla, e, daí, a vibração emotiva que anima os seus quadros e por eles é transmitida, já que para cada forma descobre a gama que a realça. Esta certeza da sensibilidade plástica, em interpenetração das formas, a estabelecer e a comunicar, dá realmente à actual pintura de Manuel Baptista uma posição ímpar, assim rica na valorização da tessitura e da cor.

JORGE CASTILLO — *Galeria «Diário de Notícias»* — Tem Goya por fonte e Solana por antecedente, ou seja que está num expressionismo de pura e alta estirpe espanhola. A sua figuração é escassa, diminuta, quase tímida. Joga com grandes espaços vazios, para que o ambiente, pela intervenção da tonalidade, em geral sombria e baça, se erie e faça avultar o mundo forte, mas subtil, dramático, mas simbólico, que o seu lápis e o seu pincel fantásticamente exprimem. Nem caricatural, nem monstruoso, esse mundo é um reflexo vivo do nosso tempo, pela ansiedade que o agita, pela amargura revestida de humor, pela poesia, enfim, talvez juglaresca, que emana da alma do artista. Compreende-se que Jorge Castillo, tendo aportado uma seiva nova ao velho expressionismo da Espanha, esteja a colocar em horizontes actuais a mais moderna pintura figurativa da nação vizinha.

PAISAGISTAS E ANIMALISTAS DO SÉCULO XX — *Sociedade Nacional de Belas-Artes* — Fernando Rau é um admirável conhecedor de gravadores e de gravuras. E não só conhecedor, mas também coleccionador espantoso, sobretudo num meio como o nosso. Já nos dera, como prova, há dois anos, sob iguais temas, mas relativo ao século XIX, uma grande amostra da sua colecção. Completou essa prova, e de modo ainda mais impressionante, com este panorama, referente a artistas nascidos depois de 1870. Se alguma coisa leva a um reparo, será o exaustivo duma exposição em que reuniu 217 trabalhos de 96 gravadores, 11 portugueses, como Barradas e Pomar, Vieira da Silva e Teresa de Sousa, Areal e José Júlio, para citarmos alguns. Entre os es-

trangeiros, os nomes vêm, por cronologia, desde Maurice Denis a Bernard Buffet, passando por Rouault, Marquet, Vlaminck, Van Dogen, Dufy, Derain, Picasso, Braque, Utrillo, Segonzac, Lhote, Kokoschka, Chagal, Lurçat, Gromaire, Pissarro, Sutherland, Jacquemin, Carzou, para não mencionarmos mais. Certamente que qualquer análise de tantas e tão diversas características, teria de levar-nos tão longe como o propósito e o espaço não comportam. Uma observação geral será a de que a renovação da arte da gravura se deve a uma técnica provida de pintores, se bem que presentemente e também lá fora aqueles que são exclusivamente gravadores tenham voltado a tomar a iniciativa com inovações de processos e estéticas, e Jacquemin serve de exemplo. Cingiu-se Fernando Rau a uma ordenação pela qual tratou somente de aproximar determinadas afinidades de sensibilidade e de estilo. Assim, dentro do período da produção artística abrangido, não procurou determinar e situar escolas, se isso chegasse a ser possível, mas ofereceu uma visão de diferentes gerações, com as suas fórmulas e experiências, numa transição de técnicas e sistemas, de ideias e sensações. Os moldes tradicionais e os seus processos evolutivos, as formas renovadoras com as suas liberdades, sínopes e sínteses, consentiram-lhe uma linha de conjunto, já que, por considerar a feição abstracta dentro de certa autonomia, a quis deixar de fora, aproveitando apenas de alguns abstractos as estampas figurativas. Menção a não deixar de fazer é ao catálogo, cuja organização, preâmbulo e comentários a cada artista são modelares de inteligência e clareza. Revelam a cultura de Fernando Rau, e, a par dela, os seus escrúpulos e a sua paixão de grande e exemplar coleccionador.

ARTUR BUAL — *Galeria «Diário de Notícias»* — Embora caiba dentro duma década a carreira de Bual como pintor, por que teria este entendido como acertado reunir e apresentar obras relativas a três fases suas? Partindo de primeiros ensaios para o período actual, intercalou trabalhos pertencentes ao que chama «ciclo de Paris», e foi o da sua muito breve permanência ali como bolseiro da Fundação Gulbenkian. Este propósito de mostrar a evolução duma pintura, através duma escolha com o predomínio dos dois núcleos por ele classificados de «experiências» e «estudos», e sendo estes respeitantes a 1960, parece demonstrar que Bual sentiu honestamente a necessidade de não esconder a fase de nova busca que atravessa, justificando-a, todavia, com o rumo seque por que a quer condicionada. Estará assim confirmado o juízo que há menos dum ano aqui mesmo emitimos de achar-se a pintura de Bual numa espécie de encruzilhada. Mas reconhecêmo-lo agora em pé de a vencer. A insistência no mesmo cromatismo, a repetição dos mesmos ritmos, a necessidade do grande formato para os desenvolver, estavam a manter nas suas telas uma feição cenográfica que as diminuía. Sem renegar a economia da cor, que lhe está na sensibilidade, sem fugir ao expressionismo do movimento, que lhe é temperamental, procura substituir a extensão pela profundidade, e, nesta nova aquisição de espaço, verifica-se residir o seu maior problema, já em vias de solução.

ARTUR MACIEL